



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

ME ENGANARAM

Marcos Roberto Inhauser

Lembro-me como se fosse hoje. Nascido e crescido em família evangélica avessa a qualquer coisa que cheirasse catolicismo, vi meus pais participarem de uma “procissão”: a Marcha com Deus pela Família e a Liberdade. Alguns dias mais tarde (lembro-me disto como se fosse hoje) meu tio veio ao encontro de meu pai no quintal de casa e disse que os comunistas haviam sido derrotados e que o Exército havia tomado o poder. Em seguida ligaram o rádio e as marchas militares soavam em todas elas e a cada momento notícias davam conta de pessoas presas e do avanço dos defensores da família e da liberdade. Aprendi que o problema do Brasil eram os comunistas que queriam tomar conta do país, tirar das pessoas todas as suas posses e propriedades, fechar os templos e obrigar ao ateísmo.

Alguns anos mais tarde, lia dois jornais por dia e os dois me levavam a crer que o comunismo era o perigo e que haviam estudantes comprometidos com a baderna e a entrega do país à União Soviética. Neste tempo entrei em contato com gente que fazia parte da UNE e acreditei que o problema do Brasil era o acordo MEC/USAID, porque os militares estavam entregando o país aos Estados Unidos. Acompanhei com vívido fervor e interesse os desdobramentos da crise de 1968. Trabalhei com um jovem em São Paulo que foi preso sem mais nem menos, juntamente com sua família tentamos localizá-lo, subemos que estava no DOI/CODI, e ninguém queria ajudar nem mesmo para saber como ele estava.

Quando fui obrigado a servir o Exército, fiquei muitas vezes de plantão porque os comunistas Lamarca e Mariguela estavam aprontando das suas, segundo versões da caserna. Nesta altura, tentavam me fazer crer que estes dois eram os maiores inimigos da pátria.

Já mais alinhado com a esquerda, comecei a acreditar que o problema dos países subdesenvolvidos era a dependência econômica dos centros de poder. Ficava na dúvida se a solução era a nacionalização das empresas estrangeiras ou a ruptura com os modelos econômicos, alinhando-se com países pró-soviéticos.

Depois, todo mundo dizia que o problema dos países subdesenvolvidos eram as transnacionais, corporações apátridas, mas que, na realidade, estavam a serviço dos impérios.

Já nos anos 80 me levaram a crer que o problema era a dívida externa. Junto com outros empenhei-me de corpo e alma na denúncia dos mecanismos contábeis que a perpetuam e que eternizam a transferência de recursos para os centros do poder. Meu livro de cabeceira era “As veias abertas da América” do Eduardo Galeano. Com fervor religioso andei pela América Latina denunciando a violação dos Direitos Humanos e a exploração econômica. Em seguida anunciaram que o problema eram os déficits das estatais e por isto venderam todas.

Depois, por todos os meios diziam que o problema do Brasil eram os funcionários públicos (em número excessivo) e seus salários de marajás. Aí vieram com a história de que o problema eram os aposentados e o déficit da previdência.

Nos últimos tempos, a turma do Lula veio me dizer que o problema era o medo de ser feliz, e que o medo devia ser vencido pela esperança. Votei nele. Hoje acho que me enganaram mais uma vez. Estou começando a acreditar que o problema do Brasil são os bingos. Como foram fechados, agora o Brasil vai pra frente.